

# Aspectos históricos da Educação Especial

LUCÍDIO BIANCHETTI

Professor do Centro de Educação da UFSC

*A cada um conforme suas necessidades. De cada um conforme suas possibilidades.*

*(Desejo comunista/cristão de Marx e Engels, expresso no Manifesto do Partido Comunista, publicado em 1848)*

Para abordar o tema proposto, vou partir de uma questão/problema:

De que tipo de corpo, cada classe (grupo, casta, estamento, etc.) dominante, nos diferentes momentos históricos, precisou, valorizou, estabeleceu como modelo/padrão?

A partir desta questão/problema, vou levantar quatro teses:

1. No decorrer da história da humanidade, a forma como os homens foram e continuam tratando o corpo revestiu-se e reveste-se de uma quase total irracionalidade.

Esta tese vai fazer com que nos defrontemos com visões de pessoa humana concebida de forma fragmentada, ora negando o corpo, ora supervalorizando-o em aspectos parciais. Em qualquer das situações, o corpo se rebelou e continua se rebelando. “O corpo tem suas razões”, afirma Thérèse Bertherat, a criadora da antiginástica; “O corpo fala”, afirma Pierre Weil; “o corpo fala e fala demais”, adverte Gaiarsa.

2. Essa irracionalidade revela-se na monstruosidade da padronização, estabelecida por diferentes critérios em diferentes momentos históricos.

Essa tese nos coloca diante da atualidade do mito do leito de Procusto. Conforme a mitologia grega, Procusto possuía um leito de ferro na entrada da cidade e nele

estendia todos os viajantes que conseguia aprisionar. O leito era a medida. A partir desse padrão pré-estabelecido, os corpos que não se adequavam à medida sofriam uma intervenção, isto é, os menores eram espichados, os maiores, amputados. O importante era salvaguardar a medida prévia, o padrão.

3. Só poderemos entender a história da humanidade se conseguirmos apreender como, nos diferentes momentos históricos, os homens foram atendendo suas necessidades básicas,<sup>1</sup> isto é, como foram construindo a sua existência.

Esta tese nos coloca diante da essencial diferença entre os homens e os outros animais,<sup>2</sup> Enquanto estes atendem suas necessidades de forma repetitiva, instintiva, candidatando-se à extinção, os homens, dada a sua capacidade ímpar de preconceber o que vão fazer, potencialmente podem resolver o problema da alimentação, habitação, vestuário, transporte, educação, etc., de forma diferente, de acordo com as potencialidades e os empecilhos que as suas relações e o meio foram e continuam criando historicamente.

4. A questão da deficiência ou a emergência da educação especial, só será compreendida se inserida no amplo espectro do processo histórico de como os homens foram atendendo as suas necessidades básicas e, por decorrência, como foram construindo a sua existência.

Esta tese vai nos defrontar com a forma como a deficiência foi vista nas sociedades primitivas, escravista, feudal e especialmente capitalista e que meios, que métodos, que recursos, que concepções foram utilizadas para a integração ou exclusão/segregação dos chamados anormais ou deficientes.

## PERSPECTIVA HISTÓRICA DA EDUCAÇÃO ESPECIAL

Como já falamos, é na procura do atendimento das necessidades básicas que os homens constroem a sua existência. Essa construção se dá a partir da interrelação entre os homens, mediatizados pelo mundo, num momento e local determinados. Nesse afã histórico, os homens, como afirma Marx<sup>3</sup>, vão estabelecendo relações “determinadas, necessárias, independentes da sua vontade, relações de produção, que correspondem a um determinado grau de desenvolvimento das forças produtivas materiais”.

Uma das decorrências desta citação é a de que fica claro que não podemos fazer uma análise moralizadora<sup>4</sup>, procurar heróis ou vilões ou buscar entender o movimento da história a partir de voluntarismos ou subjetivismos. As questões têm que ser contextualizadas<sup>5</sup>.

É por esta perspectiva que vamos entender a forma das sociedades primitivas, tanto as dos primórdios dos tempos quanto as mais próximas de nós, tratar aleijados, cegos, surdos, coxos, paráliticos, enfim, aqueles que nasciam ou eram acometidos de alguma deficiência. Como o atendimento das necessidades estava totalmente na dependência do que a natureza lhes proporcionava, como, por exemplo, a caça, pesca, as cavernas para abrigar-se, etc., uma das características básicas destes povos era o noma-

1 A questão do atendimento das necessidades básicas é chave para entender a história da humanidade como uma construção. As citações a seguir contribuirão para clarear mais esta idéia: “o primeiro pressuposto de toda a existência humana e, portanto, de toda a história é que os homens devem estar em condições de viver para poder ‘fazer história’. Mas para viver, é preciso antes de tudo comer, beber, ter habitação, vestir-se e algumas coisas mais. O primeiro ato histórico é, portanto, a produção dos meios que permitam a satisfação destas necessidades, a produção da própria vida material, e de fato este é um ato histórico, uma condição fundamental de toda a história que ainda hoje, como há milhares de anos, deve ser cumprido todos os dias e todas as horas simplesmente para manter os homens vivos”. Cf. MARX, Karl ENGELS, F. *A ideologia alemã*. 6ª ed. São Paulo: Hucitec, 1987, p. 39. Engels, ao discursar diante da sepultura de Marx, em 1883 afirmava: “Marx descobriu a lei do desenvolvimento da história humana: o fato tão simples, mas que até ele se mantinha oculto pelo ervaçal ideológico, de que o homem precisa, em primeiro lugar, comer, beber, ter um teto e vestir-se, antes de poder fazer política, ciência, arte, religião, etc. que, portanto, a produção dos meios de subsistência imediatos, materiais e, por conseguinte, a correspondente fase econômica de desenvolvimento de um povo ou de uma época é a base...” (Engels, s. d., p. 351).

2 A explicitação desta idéia é importante, na medida em que permite que se diferencie aquilo que é considerado ‘natural’ do socialmente construído, bem como da atuação consciente, decidida, da instintiva: “Não se trata aqui das formas instintivas, animais, do trabalho. (...) Pressupomos o trabalho sob a forma exclusivamente humana. Uma aranha executa operações semelhantes às do tecelão, e a abelha supera mais de um arquiteto ao construir sua colméia. Mas o que distingue o pior arquiteto da melhor abelha é que ele figura na mente sua construção ANTES (grifo nosso) de transformá-la em realidade” (Marx, 1987, p. 202). Duarte Jr (1991, p. 97), expressa esta questão da seguinte forma: “...não sendo o homem determinado biologicamente, ele inventa a sua maneira de viver, CRIA (grifo nosso) a sua re-

alidade culturalmente". Finalmente Berger & Luckmann (1990, p. 69) explicitam de forma mais clara a questão: "O homem ocupa uma posição peculiar no reino animal. Ao contrário dos outros mamíferos superiores não possui um ambiente específico da espécie, um ambiente firmemente estruturado por sua própria organização instintiva. (...) os cachorros e os cavalos, em comparação com o homem, são muito mais restritos a uma distribuição geográfica específica. (...) Refere-se ao caráter biologicamente fixo de sua relação com o ambiente (...) vivem em mundos fechados. (...) Em contraste, a relação do homem com seu ambiente caracteriza-se pela abertura para o mundo. (...) Isto significa que o organismo humano é capaz de aplicar o equipamento que possui por constituição a uma ampla escala de atividades e, além disso, constantemente variável e em variação".

3 MARX, Karl. *Contribuição à crítica da economia política*. São Paulo: Martins Fontes, 1977, p. 24.

4 "Se nada ganhamos com os conceitos de verdade e erro, menos ainda alcançamos com os do bem e do mal. Esta antítese move-se, pura e exclusivamente, dentro da órbita moral, isto é, num terreno que pertence à história humana, onde já sabemos que pouquíssimas verdades definitivas e inapeláveis podem fecundar. As idéias do bem e do mal variam tanto de povo para povo, de geração para geração, que, não poucas vezes, chegam a se contradizer abertamente". (Engels, 1978, p. 78)

5 Sem dúvida a melhor 'ferramenta' para isto é o Materialismo Histórico: "A concepção materialista da história parte da tese de que a produção, e com ela a troca dos produtos é a base de toda a ordem social; de que em todas as sociedades que desfilam pela história, a distribuição dos produtos, e juntamente com ela a divisão social dos homens em classes ou camadas, é determinada pelo que a sociedade produz e como produz e pelo modo de trocar os seus produtos. De conformidade com isso, as causas profundas de todas as transformações sociais e de todas as revoluções políticas não devem ser procuradas nas cabeças dos homens nem na idéia que eles fa-

dismo. Ora, a natureza é cíclica, está totalmente fora do controle dos homens e isso vai exigir deles deslocamentos constantes, razão pela qual é indispensável que cada um se baste por si e ainda colabore com o grupo. É evidente que alguém, portador de alguma deficiência natural ou impingida na luta pela sobrevivência, acaba se tornando um empecilho, um peso morto, fato que o leva a ser relegado, abandonado e sem que isso cause os chamados sentimentos de culpa. Utilizando uma linguagem dos dias atuais, podemos afirmar que nas sociedades primitivas, "quem não tem competência não se estabelece". Não há uma teorização, uma busca de causas, simplesmente uma espécie de seleção natural. Os mais fortes sobrevivem.

Com a sociedade grega, graças ao atendimento das necessidades básicas garantidas pelos escravos, os homens, os livres, podiam dedicar-se ao ócio. E é assim que, pela primeira vez, os homens começam a pensar de forma sistematizada. Aparecem corpos teóricos, paradigmas, modelos que atravessarão os séculos.

Um dos paradigmas é o espartano. Na medida em que se dedicavam à guerra, em que valorizavam a ginástica, a dança, a estética, etc., a perfeição do corpo (forte, belo) era o grande objetivo. Se, ao nascer, a criança apresentasse alguma deficiência, era eliminada. Praticava-se uma eugenia radical, na fonte. A eliminação se dava porque a criança não se encaixava no "leito de Procusto" dos espartanos. Um detalhe: entre as sociedades patriarcais, nenhuma valorizou tanto a mulher como a espartana: a mulher bela e forte era a pré-condição para gerar o guerreiro. Este paradigma, predominantemente, foi adotado por Roma em momento posterior.

Outro paradigma é o ateniense. A preferência pela agitada vida da *polis*, a retórica, a boa argumentação, a filosofia, a contemplação<sup>6</sup>, vão fazer com que, principalmente através da obra de Platão, se abra um interstício, uma fresta, uma fenda entre o corpo e a mente, através da qual vai soprar um vento frio pelo resto da história do mundo ocidental cristão, até os dias atuais. A divisão, no nível macro, da sociedade ateniense, entre os livres e os escravos, vai ser o protótipo para a divisão no nível micro: à mente (os livres) cabe a parte digna, superior, encarregada de mandar, governar; o corpo (o escravo) degradado, conspirador, empecilho da mente, cabe a missão de executar as tarefas degradadas e degradantes.

O paradigma ateniense vai ser assumido, batizado, cristianizado e levado ao paroxismo pelo judaísmo-cristão. Isso porque os gregos circunscreveram-se ao campo da filosofia, ao passo que na Idade Média esse paradigma é assumido, porém, no âmbito da teologia, e isso trouxe profundas repercussões, a partir até da terminologia. A dicotomia deixa de ser corpo/mente e passa a ser corpo/alma. O deficiente deixa de ser morto ao nascer, porém, passa a ser estigmatizado, pois, para o moralismo cristão/católico, deficiência passa a ser sinônimo de pecado.

Das duas partes, a alma é a parte digna, é a que merece atenção, cuidado. O corpo, bem, alguma consideração mereceu quando foi elevado à condição de tempo da alma. No mais das vezes, foi "agraciado" com o desprezo, o que ajuda a entender a as-

cese, os jejuns, a abstinência, a auto-flagelação e, principalmente, a fogueira da inquisição.

A rígida divisão corpo/alma gerava uma dubiedade terrível, difícil de ser superada. Por um lado, o corpo era visto como o tempo de deus/alma, mas, por outro, era tachado de oficina do diabo. Esta concepção levou um padre a definir o corpo como: “esta abjeta vestimenta da alma”. Já o lema dos cavaleiros era, conforme afirma Grifi, citado por Guilhermetti: “a minha alma para Deus; a minha vida para o rei; o meu coração para a dama e a honra para mim”.<sup>7</sup>

A questão de relacionar deficiência com pecado é algo que vai recrudescendo na medida que a idade média avança. No entanto, sua origem remonta há muito tempo antes. Basta ver, por exemplo, que dos 22 milagres com curas e exorcismos feitos por Jesus, oito referem-se a cura de surdos, mudos e gogos. Outros referem-se a paralisias, possessões, etc.<sup>8</sup>

Vou ler a vocês algumas passagens bíblicas para explicitar mais a idéia da associação entre deficiência e pecado. Sobre o milagre da cura de um cego de nascença, narrada por João, 9:2. Ao verem o cego, os discípulos perguntaram a Jesus:

*Mestre, quem pecou, este ou os seus pais para que nascesse cego?*

*A segregação e ao mesmo tempo o fatalismo com que eram vistos os cegos e as deficiências fica clara na narração de Mateus, 20:29-30 a respeito dos dois cegos de Jericó: “Dois cegos assentados junto do caminho, ouvindo que Jesus passava, clamaram dizendo ‘Senhor tem misericórdia de nós’. E a multidão os repreendia para que se calassem”.*

A cura do paralítico de Cafarnaum é exemplar:

*E eis que lhe trouxeram um paralítico deitado numa cama. E Jesus, vendo a fé deles, disse ao paralítico: filho tem bom ânimo: perdoados te são os teus pecados. (Mateus 9:2).*

Esta passagem de Lucas 11:14 mostra como o mudo e o demônio são confundidos:

*E estava ele expulsando um demônio, o qual era mudo. E aconteceu que saindo o demônio o mudo falou.*

Os exemplos poderiam ser multiplicados. Porém, esta amostra é suficiente para que se perceba como foi se forjando uma concepção esquizofrenizadora da pessoa humana. É essa concepção, que relaciona deficiência com pecado, que deve nos auxiliar a compreender os horrores da segregação e da estigmatização, principalmente das milhares de pessoas que foram eliminadas através da fogueira da inquisição. Mas tudo isso deve ser entendido enquanto um fenômeno histórico e geograficamente localiza-

çam da verdade eterna ou da eterna justiça, mas nas transformações operadas no modo de produção e de troca...” (Engels, s.d., p. 320).

6 Para os gregos, “viver é contemplar”, conforme afirma VASQUEZ, Adolfo S. *Filosofia da práxis*. 3ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986, p. 17. É com eles que a supremacia do trabalho intelectual em relação ao manual, a divisão do *homo sapiens* e o *homo faber* vão ser postas e ideologicamente justificadas. “Aristóteles não fica muito atrás de seu mestre nesse menosprezo pelo trabalho físico que implica no reconhecimento da superioridade do teórico sobre o prático. Para ele a atividade prática material carece de um significado propriamente humano. ‘Um estado dotado de uma constituição ideal... não pode tolerar que seus cidadãos se dediquem à vida do operário mecânico ou do comerciante, que é ignóbil e inimiga da virtude. Tampouco pode o ócio é uma necessidade tanto para adquirir virtude como para realizar atividades políticas’”. VASQUEZ, Adolfo S., *op. cit.*, p. 18.

7 GUILHERMETTI, Paulo. Do corpo medieval ao corpo moderno. Em: *Motrivivência*, Aracaju, ano 2, n. 3, Jan. 1990, p. 17.

8 BOTELHO, João B. *Medicina e religião: conflito de competência*. Manaus: Metro cúbico, 1991.

9 "As idéias da classe dominante são, em cada época, as idéias dominantes; isto é, a classe que é a força material dominante da sociedade é, ao mesmo tempo, sua força espiritual dominante. A classe que tem à sua disposição os meios de produção material dispõe, ao mesmo tempo, dos meios de produção espiritual (...). As idéias dominantes nada mais são do que a expressão ideal das relações materiais dominantes, as relações materiais dominantes concebidas como idéias..." (Marx & Engels, 1987, p. 72).

do. Se não fizermos isso, sucumbiremos a julgamentos morais e moralizadores, os quais não passam de miopia intelectual. Assim, uma análise mais abrangente deve nos ajudar a entender que a queima de um deficiente, de uma pessoa, supostamente possuída pelo demônio, não era, num primeiro momento, por maldade, sadismo, etc. O raciocínio maniqueísta que presidia tais episódios era o de que o demônio havia se aposado do corpo da pessoa e que a melhor forma de o humilhar, de lhe impingir uma derrota era retirar-lhe a posse. É isso que nos ajuda a compreender porque nos autos da inquisição e nas justificativas da igreja, não se encontram afirmações de que a igreja queimou pessoas. A expressão que se usa é: "purificação pelas chamas".

Uma outra forma, embora menos enfática, de a Igreja ver e explicar a existência de cegos, mudos, paralíticos, loucos, leprosos, enfim, de pessoas portadoras de qualquer deficiência, era a de que eles eram instrumentos de Deus para alertar os homens, para agraciar as pessoas com a possibilidade de fazerem caridade. Assim, a desgraça de uns proporcionava meios de salvação para os outros. Esta postura pode ser detectada nas próprias palavras de Jesus, quando os discípulos lhe perguntaram quem tinha pecado para que o cego nascesse com aquela deficiência/pecado. Resposta:

*Nem ele pecou, nem seus pais; mas foi assim para que se manifestem nele as obras de Deus (João, 9:3)*

Posteriormente esta concepção vai dar origem às Santas Casas de Misericórdia.

A transição de feudalismo ao capitalismo vai trazer mudanças profundas que vão repercutir em todas as direções. Acontece que o capitalismo, "aparece como um poderoso sistema, um processo civilizatório, impondo-se a todas as outras formas sociais de vida e trabalho". (Ianni, 1992, p. 20).

Nesta perspectiva, nenhuma classe e muito menos a burguesia, passa de dominante à hegemônica se ela não conseguir se apossar de todos os aparatos que compõem uma sociedade e lhe der a sua direção. É assim que, a partir do século 16, a burguesia, enquanto classe em processo de hegemonia, vai permeabilizar e impregnar a si e tudo o que a cerca com o seu ideário que vai ser batizado de liberalismo. Sem esse processo civilizatório, a hegemonia não seria possível, e nem teriam se estabelecidas as condições materiais que possibilitaram a Marx e Engels a afirmação segundo a qual as idéias dominantes de uma época são as idéias da classe dominante.

Vamos procurar entender um pouco o que foi essa transição e em que medida isso afetou a questão dos chamados deficientes.<sup>9</sup>

Não há como negar que o século 16 é um divisor de águas na história da humanidade. O gradativo predomínio de uma produção voltada para o mercado, a possibilidade de acumulação, o desenvolvimento de uma ciência e tecnologia que garantirão um gradativo domínio do homem sobre a natureza, diferencia-se radicalmente da situação anterior em que os homens viviam diuturna e miseravelmente envolvidos com a produção para a subsistência. Este novo momento histórico gradativa e potencial-



mente vai colocando as condições para que os homens passem do reino da necessidade para o reino da liberdade.

O expansionismo, a necessidade e a busca de novos mercados, as navegações, etc. desafiaram a ciência, impulsionaram descobertas. Paralelo a esses avanços, na base material, vão sendo forjadas, em nível teórico-ideológico, as explicações e posteriormente as justificativas para a hegemonia burguesa. O que vai ficando claro na práxis dos homens é que o teocentrismo vai cedendo espaço ao antropocentrismo. Devemos lembrar, porém, que a igreja e a nobreza não saíram de cena gratuita e facilmente. E, neste aspecto, a burguesia foi revolucionária. Debateu-se contra a ordem feudal, impondo o seu projeto, sendo a Revolução Francesa o ponto de chegada da fase revolucionária da burguesia.

O que é certo é que nesta nova fase o homem passa para o centro do palco, procurando escrever, encenar e dirigir a peça, não aceitando mais a posição de figurante.

Com Copérnico e Galileu, a teoria geocêntrica é questionada e derrubada. Com Francis Bacon, a forma própria greco-romana e medieval de pensar, o dedutivismo, recebe um golpe fatal. O experimentalismo, o indutivismo ganha espaço com a nova forma de produzir conhecimento. Na esteira dessa forma de pensar e fazer ciência é que Bacon vai se debater para que a natureza seja pesquisada e ao ser conhecida e respeitada ("Pois a natureza não se vence, se não quando se lhe obedece", afirma no Aforismo III), possa ser dominada e colocada a serviço do homem. Outra contribuição de Bacon foi a de que os instrumentos, os aparelhos, igualam os homens.

A lente de aumento, inventada por Galileu, foi colocada entre o observador e o objeto observado e, gradativamente, os homens foram percebendo que, além do macrocosmo, existe um fantástico mundo microscópico que precisava ser desvendado. Com I. Newton impõe-se uma visão mecanicista do universo pouco a pouco utilizada como parâmetro para analisar o microcosmo também. É assim que entendemos, por exemplo, a nova linguagem, as metáforas utilizadas para definir partes do corpo humano, à luz do mecanicismo newtoniano: o coração passou a ser chamado de bomba, o rim de filtro, o pulmão de fole e, mais tarde, o cérebro como o protótipo do computador perfeito. Portanto, o corpo passou a ser definido e visto como uma máquina. Daqui vai emergir um resultado desastroso, como veremos posteriormente: se o corpo é uma máquina, a excepcionalidade ou qualquer deficiência nada mais é do que a disfunção de uma peça. Se na Idade Média a deficiência está associada a pecado, agora está relacionada à disfuncionalidade.

Com John Locke emerge vigorosamente a luta contra a monarquia, enfim, contra os privilégios supostamente advindos de Deus. Mas, principalmente, sua luta é contra o inatismo, contra a idéia e a prática comum de privilégios hereditários. Para o que nos interessa, destaca-se em Locke a idéia da "tabula rasa", que, no fundo, é a idéia de igualdade, um dos cinco pilares do liberalismo, consagrados pela Revolução Francesa, que são: individualismo, liberdade, propriedade e democracia, somados à igualdade.

Deste clássico do pensamento burguês, deve-se reter principalmente a sua luta pela igualdade de todos os homens, cujas repercussões serão interessantes na análise posterior da educação especial.

Vitoriosa a Revolução Francesa, gradativamente passa a emergir o caráter reacionário da burguesia. Os mesmos direitos para cuja conquista ela se debateu heroicamente, junto com os seus pares do terceiro estado, agora, enquanto classe hegemônica, passa a sonegar para os outros. E os princípios da liberdade e principalmente da igualdade, não passam de caricaturas, de um formalismo.

Em termos de formas de produção, a humanidade passou do artesanato para a manufatura no século 16 e desta para a maquinofatura, a partir do século 18. Na forma artesanal, o ritmo de produção é acoplado às necessidades de consumo e às possibilidades e limites do corpo. Na vigência da maquinaria, o ritmo passa a ser ditado pela máquina, já que a produção é em série, única forma de suprir um mercado que é o meio pelo qual a burguesia alcança o seu fim, que é o lucro, a acumulação.

Com a produção em série vai se impor o especialismo. De cada pessoa exige-se apenas eficiência no desempenho de uma tarefa. No nível teórico/prático, isso vai fazer emergir a contribuição de Taylor e H. Ford. Com Taylor surgiu a gerência científica, com destaque para os dois princípios que vão consagrar a divisão entre o trabalho manual e o intelectual. Suas duas regras básicas são: tudo o que se relaciona ao planejamento é função do escritório; tudo o que se relaciona com a execução deve estar afeto à oficina. E o objetivo passou a ser a busca do *homo sapiens* para o escritório, para o planejamento, e o *homo faber* para a oficina, sendo o protótipo deste o homem-boi, o homem-gorila. Músculos e não cérebro se buscava.

Com Ford, a divisão do trabalho chega ao paroxismo. Da sua biografia foi retirada a seguinte citação, que acredito ser por si só reveladora:

*Pela época que Henry Ford começou a fabricar o Modelo T, em 1908, não eram necessárias 18 operações diferentes para completar uma unidade, mas 7.882. Em sua autobiografia Ford registrou que destas 7.882 tarefas especializadas, 949 exigiam 'homens fortes, fisicamente hábeis e praticamente homens perfeitos'; 3.338 tarefas precisavam de homens de força física apenas 'comum', a maioria do resto podia ser realizada por 'mulheres ou crianças crescidas' e, continuava friamente, 'verificamos que 670 tarefas podiam ser preenchidas por homens sem pernas, 2.637 por homens com uma perna só, duas por homens sem braços, 715 por homens com um braço só e 10 por homens cegos'. Em suma, a tarefa especializada não exigia um homem inteiro, mas apenas uma parte, Nunca foi apresentada uma prova mais vívida do quanto a superespecialização pode ser brutalizante.<sup>10</sup>*

Chegamos, com isso, ao século 20, desenhando-se diante de nós um quadro que em absoluto nos sugere que tenha havido uma melhora na forma de conceber e tratar os chamados deficientes. A pergunta é: que lugar cada um ocupa no processo produtivo? O Deus se chama capital e o pecado na religião do capital é não ser produtivo.

No final do século 20, com um extraordinário avanço tecnológico, chegamos ao ponto de potencialmente entrarmos no reino da liberdade, de nos liberarmos de todo o trabalho repetitivo, desumano, e isso vai repercutir na questão da deficiência. Voltaremos a isso.

## DECORRÊNCIAS PARA A EDUCAÇÃO ESPECIAL

Agora acredito que possamos focalizar mais especificamente a questão da educação especial. Para isso, convido-os a voltar ao século 16.

No embalo dos ideais do emergente liberalismo, vamos encontrar um pastor com umas idéias interessantes sobre educação. Refiro-me a João Amós Comênio. Suas idéias estão expostas na "Didática Magna". Destaco aquela que mais interessa aqui e que complementa o título original da obra: Tratado da arte universal de ensinar tudo a todos.

Na sua proposta idealista, Comênio tinha os pés bem no chão do seu tempo. Ele não disse, mas na sua proposta estava em germe aquilo que A. Smith, na obra "A riqueza das nações", deixaria bem explícito mais de um século depois: para o povo deveria-se dar uma educação em doses homeopáticas, já que eles não tinham condições e nem necessidade de muita educação. Aliás, isso poderia ser até prejudicial, pois os levaria a revoltar-se. A tradução atual desta situação é: para os pobres uma pobre educação, confirmando aquilo que George Orwell desnudou no livro "A revolução dos bichos": "Todos são iguais, porém têm alguns que são mais iguais do que os outros".

Bem, voltemos ao Comênio. Quando falei que ele tinha os pés no chão me referia ao fato de ele prever uma gradação do ensinar tudo a todos, dependendo, segundo ele, dos talentos (ele ainda não tinha clareza que isso se referia à classe social!). Assim, Comênio dividia a escola em quatro graus:

- Escola materna;
- Escola primária para todas as crianças;
- Escola de latim para alguns;
- Academia para uns poucos.

Em relação a estes "uns poucos" que se deveria encaminhar à academia, Comênio não poderia ser mais cristalino: para lá devem ser enviados os "engenhos mais seletos, a flor dos homens; os outros enviar-se-ão para a charrua, para profissões manuais, para o comércio, para que aliás nasceram".<sup>11</sup>

Vale lembrar que para Comênio a questão de ensinar tudo a todos era uma questão de filosofia, no campo da intencionalidade. Metodologicamente esta questão só vai ser resolvida quatro séculos depois, como ponto de chegada de profundos estu-

11 OSTETTO, Luciana E. A velha e a nova criança em Comênio: mistura e distinção. Em: Perspectiva, Florianópolis: UFSC, v. 6, n. 14, p. 173, jul./dez. 1989.



dos de como se aprende, com destaque para J. Piaget. A síntese é de Jerome Bruner, no livro “O processo da educação”: “É possível ensinar tudo a todos, de uma forma honesta, em qualquer fase de crescimento”. Deve-se destacar a expressão: “de uma forma honesta...”

A inserção de Comênio, neste seminário, foi estratégica, a fim de que nos demos conta de que, em educação, também fomos caminhado do geral, do homogêneo, para a heterogeneidade da clientela, dos momentos históricos, dos locais, enfim, das especificidades.

Suchodolsky deixa esta situação bem explícita no livro “A pedagogia e as grandes correntes filosóficas”. Até o século 16 reinou absoluta a pedagogia da essência, cuja concepção é a de que, essencialmente, todos os homens são iguais, portanto, devem ser tratados de forma homogênea. Acontece que, desde o mundo greco-romano até o fim da Idade Média, essa homogeneidade não foi problemática, pois as “classes” eram obrigatórias e os escravos e servos sequer podiam aspirar uma situação diferente daquela na qual nasceram e para a qual viviam.

Ocorre que, com o gradativo predomínio da burguesia, pelo menos em termos formais, de discurso, referentes à liberdade e à igualdade de direitos, as classes passam a ser permeáveis e, em tese, você pode nascer pobre e tornar-se rico. E o acesso à educação, a sua democratização, passou a ser acenada como um dos meios de passagem de uma classe à outra. Com isso, a escola passou a ser disputada e o seu interior, um lugar de disputa por todos, embora de diferentes classes sociais. Ora, tratar os diferentes de forma similar, obrigatoriamente trará como resultado a exclusão de alguns. Com isso, começa a fracassar a pedagogia da essência que trata de homogeneidades. Passa a emergir a pedagogia da existência que vai dar origem à Escola Nova e todas as outras formas e metodologias que passam a se voltar à atuação com o heterogêneo, com as especificidades.

A partir do momento que se percebe que uma mesma educação para classes diferentes não leva aos resultados que se esperava, os filósofos e os pedagogos passam a voltar suas atenções para as especificidades. Alguns exemplos deixarão isso mais evidente.

Rousseau coloca-se como paladino na defesa da infância. A natureza quer, exige que a criança seja tratada como criança, afirmava. Com isso, debatia-se contra a concepção de infância da sua época que via na criança um adulto em miniatura. Atacava outra idéia errônea dos seus contemporâneos que acreditavam que as crianças eram portadoras ou presas de um mal que só o tempo as curaria.

Pestalozzi vai dedicar sua vida ao cuidado e educação das crianças pobres, abandonadas, enfim, excluídas do sistema formal da sua época.

Froebel dedicará sua vida ao cuidado das crianças, destacando-se pela criação dos jardins de infância.

Fénelon vai se preocupar com a educação das moças, assunto que até o séc. 19 não havia merecido nenhuma atenção.

No século 20, temos um Piaget, Vygotsky, Emilia Ferreiro, cada um preocupado com questões relacionadas a como se dá a aprendizagem e ao desenvolvimento de métodos para facilitá-la.

Temos um Freinet preocupando-se com as crianças do meio rural e com o sindicalismo.

Apareceu um Paulo Freire dando uma atenção à alfabetização de adultos.

Porém, dentro do grande leque de preocupações com as especificidades que deram corpo à pedagogia da existência, quero destacar a emergência da preocupação com os cegos, mudos, idiotas, cretinos, loucos, dementes, enfim, aquela parcela de crianças que não se encaixavam no padrão de normalidade e que acabavam estigmatizadas, segregadas, excluídas. Acontece, porém, que a preocupação com a especificidade do deficiente vai percorrer um longo e tortuoso caminho. Gradativamente, a partir do século 16, a questão da deficiência vai passar da órbita de influência da igreja para tornar-se objeto da medicina<sup>12</sup>. E quando falo igreja não me refiro apenas à igreja católica. Martinho Lutero, no séc. 16, sugeriu a um príncipe que afogasse uma criança portadora de deficiência, dado que seu comportamento em nada se enquadrava na normalidade estabelecida. Vejamos a manifestação de Lutero:

*Há oito anos vivia em Dessau um ser que eu, Martinho Lutero, vi e contra o qual lutei. Há doze anos, possuía vista e todos os outros sentidos, de forma que se podia tomar por uma criança normal. Mas ele não fazia outra coisa senão comer, tanto como quatro camponeses na ceifa. Comia e defecava, babava-se, e quando se lhe tocava, gritava. Quando as coisas não corriam como queria, chorava. Então, eu disse ao príncipe de Anhalt: se eu fosse o príncipe, levaria essa criança ao Moldau que corre perto de Dessau e a afogaria. Mas o príncipe de Anhalt e o príncipe de Saxe, que se achava presente, recusaram seguir o meu conselho. Então eu disse; pois bem, os cristãos farão orações divinas na igreja, a fim de que Nosso Senhor expulse o demônio. Isso se fez diariamente em Dessau, e o ser sobrenatural morreu nesse mesmo ano...*<sup>13</sup>

Com Paracelso e Cardano, no século 16, enquanto médicos e alquimistas, a visão teológica de deficiência perde força, mas vai acabar colocando as bases para uma interpretação organicista. Nomes como os de Esquirol, Belhomme, Pinel, Fodéré, Morel e outros colaboraram para a afirmação de uma visão fatalista da deficiência e que o inatismo era a explicação aceitável e que pouco era possível fazer. Em síntese: o remédio era segregá-los, já que os excepcionais eram vistos como um perigo para si e para a sociedade.

12 "De todo modo, diversas vantagens se oferecem para o deficiente ao passar das mãos do inquisidor às mãos do médico", afirma PESSOTTI, Isaias. Deficiência mental: da superstição à ciência. São Paulo: Educ/TAQ, 1984.

13 PESSOTTI, Isaias, op. cit., p. 1

14 Cf. LAJONQUIÈRE, Leandro de. O legado pedagógico de Jean Itard. Em: Educação e filosofia, Uberlândia, v. 6, n. 12, p. 37-52, jan./dez. 1992; PESSOTTI, Isaias, *op. cit.*

15 Esta afirmação pode ser conferida na seguinte citação: "certamente eu não posso ensinar a leitura e a escrita aos idiotas sem iniciá-los nas noções que elas supõem: é preciso que o conhecido conduza logicamente ao desconhecido (...) é de Seguin a distinção entre operações concretas (que ele chamava de "educação fisiológica") e formais (chamadas de "método fisiológico)". PESSOTTI, Isaias, *op. cit.*, p. 127-128.

16 PESSOTTI, Isaias, *op. cit.*, p. 125.

Essas idéias ultrapassaram os séculos, chegando ao atual, trazendo uma pesada e onerosa herança, tendo no nazismo, na perseguida purificação da raça, na Alemanha (bem como na Bosnia hoje), na idéia do arianismo como raça superior, uma das suas derivações.

Porém, este é um dos lados da moeda. O outro vai apresentar uma bela e edificante história, tendo em Jean Itard e E. Seguin os nomes mais representativos no século 19 e Maria Montessori, no nosso século. O ponto de partida vai ser a descoberta e tentativa de integração à sociedade francesa, do início do século 19, de Vitor, o selvagem de Aveyron. Enquanto para Pinel e outros, na perspectiva médica-organicista-fatalista, Vitor não passava de um idiota, para Itard, porém, na perspectiva pedagógica, ele pode ser educado. E Itard vai dedicar muito tempo de sua vida a esta tarefa/missão. O relato dos avanços e fracassos no processo de educação de Vitor, narrados por Itard, são as mais belas páginas da história da Educação Especial.<sup>14</sup>

E. Seguin vai mais a fundo nas pesquisas, experimentos e na proposição de um método para educar deficientes e, embora isso não seja citado, ele é o precursor de Piaget na criação da teoria psicogenética<sup>15</sup>. Conforme afirma Pessotti: "Itard é o precursor, mas Seguin é o criador da teoria psicogenética; (...) pretende chegar a um método aplicável não só aos idiotas, mas a qualquer deficiência mental".<sup>16</sup>

A sua grande conquista vai se manifestar em três direções complementares, altamente favoráveis aos deficientes:

- A possibilidade e a necessidade da prevenção
- A educabilidade do deficiente
- A integração do deficiente como meio e fim

## LIMITES E POSSIBILIDADES

### Limites

- Em maior ou menor grau, os portadores de deficiência continuam sendo segregados/usados. Um exemplo ilustra esta afirmação. Na revista *Isto é*, n. 1228, há uma reportagem sobre uma nova metodologia para treinamento de executivos, visando habilitá-los a enfrentar os imprevistos do agitado mundo dos negócios. Um grupo de executivos foi isolado numa casa de campo, num fim de semana, e todos os funcionários foram dispensados, desde o porteiro ao cozinheiro. Ao recepcionar o grupo, o diretor comunicou-lhe o seguinte: "Amanhã de manhã, vocês receberão aqui 30 crianças excepcionais surdas-mudas. Devem entretê-las e cuidar delas até a noite". (Jardim, 1993).

- A educação especial vista como um meio no que se refere a campo de trabalho.
- A lógica capitalista do lucro como fim que faz com que se invista naquilo que garante retorno imediato. Isso dificulta que se solucionem problemas para os quais já há tecnologia.

- A valorização do corpo enquanto objeto de luxo para desfile/exposição. A reportagem de capa da Revista *Isto é*, n. 1225, com o título “Marvada carne”, é indicadora desta tendência.

- Num país que comercializa a saúde, a doença, a deficiência é uma necessidade...

### Possibilidades

- A luta pela integração do deficiente, tanto na escola quanto na sociedade.
- As possibilidades da tecnologia que praticamente indiferenciam uma pessoa considerada normal e uma com qualquer deficiência. Confirmam-se o que Bacon falava no século 17: “os instrumentos igualam os homens”.

- A gradativa desativação de um sistema especial e paralelo de ensino.
- A superação gradativa da linguagem estigmatizada e estigmatizadora dos deficientes

Até pouco tempo sempre procurou-se remédio ou explicação para a doença instalada, dando ênfase ao curativo. Hoje atua-se mais no preventivo.

A formação de equipes e o avanço em direção à interdisciplinaridade, com a clareza da necessária profundidade dos especialistas.

### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BACON, Francis. *Os pensadores*. São Paulo: Abril Cultural, 1979.
- BERGER, P.I., LUCKMANN, T. *A construção social da realidade*. 8ª ed. Petrópolis: Vozes, 1990.
- BIANCHETTI, Lucídio. A fé como limite da razão. Indicações para compreender o poder da igreja na idade média. Em: *Apontamentos*. Maringá: UEM, 1992.
- BOTELHO, João B. *Medicina e religião: conflito de competência*. Manaus: Metro cúbico, 1991.
- COMÊNIO, J. Amós. *Didática magna*. 3ª ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1976.
- DUARTE JÚNIOR, João F. *O que é realidade*. 8ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1984.
- ENGELS, Friedrich. *Anti-duhring*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.
- GAIARSA, José A. *O que é corpo*. 2ª ed. São Paulo: Brasiliense, n. 170, 1986. (Col. Primeiros Passos)
- GUILHERMETTI, Paulo. Do corpo medieval ao corpo moderno. Em: *Motrivivência*, Aracaju, ano 2, n. 3, Jan. 1990, p. 16-18.
- LAJONQUIÈRE, Leandro de. O legado pedagógico de Jean Itard. Em: *Educação e filosofia*, Uberlândia, v. 6, n. 12, p. 37-52, jan./dez. 1992.
- MARX, Karl. *Contribuição à crítica da economia política*. São Paulo: Martins Fontes, 1977.
- MARX, Karl. *O capital*. 11ª ed. São Paulo: Difel, 1987, l. 1, v. 1 e 2.

- MARX, Karl, ENGELS, F. *A ideologia alemã*. 6ª ed. São Paulo: Hucitec, 1987.
- MARX, Karl, ENGELS, F. *Obras escolhidas*. São Paulo: Alfa-Ômega, [s.d.].
- OSTETTO, Luciana E. A velha e a nova criança em Comênio: mistura e distinção.  
Em: *Perspectiva*, Florianópolis: UFSC, v. 6, n. 14, p. 172-183, jul./dez. 1989.
- PESSOTTI, Isaias. *Deficiência mental: da superstição à ciência*. São Paulo: Educ/TAQ, 1984.
- SANTIN, Silvino. *Educação física: uma abordagem filosófica da corporeidade*. Ijuí: Unijuí, 1987.
- TOFFLER, Alvin. *A terceira onda*. São Paulo: Record, 1980.
- VASQUEZ, Adolfo S. *Filosofia da práxis*. 3ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986..